

K.L. SLATER

Autora bestseller internacional

A SALVO COMIGO

Perfeito
para os fãs de
*A Rapariga
no Comboio*

SÓ EU SEI
O QUE FIZESTE...

TOP
SEL
LER

*Para a minha filha, Francesca Kim.
Grata pelo teu amor e apoio desde o primeiro momento.*

Eles estão finalmente na cama. Tiras uma mão-cheia de fósforos e acende-los, um a um, observando a chama a desfazer-se num quebra-diço ponto negro.

As brasas na lareira estão a apagar-se, mas o núcleo incandescente e branco que ainda resta, mesmo no centro, é suficientemente poderoso para te ajudar a ver as coisas com clareza uma última vez.

«Duas almofadas fofas empilhadas no chão, quatro almofadas fofas empilhadas no chão.» É divertido cantar isto ao som de Ten Green Bottles.*

Empurras a poltrona até estares tão perto delas que os tecidos se tocam. Retiras cuidadosamente das cinzas dois pedaços de carvão com a tenaz, colocando-os no meio das almofadas, um de cada vez. Agora recostas-te e ficas a observá-los a consumir-se, afundando-se. Os pedaços brilhantes mergulham sofregamente na espuma macia e a capa queimada das almofadas encolhe-se como se tentasse escapar.

Não se ouve qualquer ruído, e desfrutas do silêncio.

Extasiado, observas a dança das pequenas chamas, com as suas belas e trémulas línguas letais. O poder fascina-te, assusta-te e conforta-te, simultaneamente. Sentes as camadas de proteção com que te tentaste revestir ao longo dos anos a serem arrancadas. Precisavas delas

* Canção infantil célebre no Reino Unido. [N. do T.]

para conseguires sobreviver a cada dia e a cada noite de embriaguez, mas agora estás seguro. As chamas vão trazer-te segurança.

Tentaste avisá-los várias vezes, claro, tentaste pedir ajuda. Mas eles não compreenderam o que lhes estavas a tentar dizer. E agora a crueza do teu medo, da tua tristeza, desvenda-se na nitidez do ar espesso, sulfurado.

Não podes tossir. Não os queres acordar, fazer estes idiotas gritar e chorar. Deixa-os com os seus sonhos, eles hão de aprender em breve.

As chamas crescem, depois fundem-se. Sabes que é um sinal de que estão silenciosamente a prometer ajudar-te e, ainda assim, por um segundo, consideras mudar de ideias. Poderias pisar as chamas e gritar por ajuda. Poderias acordá-los.

E então ouves.

*— Deixa-nos fazer o nosso trabalho — sussurram as chamas.
— De manhã, tudo estará melhor.*

E é quando finalmente decides sair.

CAPÍTULO 1



No presente
Anna

O pequeno carro prateado que vem no sentido inverso avança demasiado depressa e, quando aborda a curva, a condutora perde o controlo e guina para o lado errado da estrada.

É tudo tão rápido: não tem tempo de desacelerar ou sequer de subir o passeio.

Dá-se um baque duro e mudo quando o carro atinge a mota à minha frente. O condutor é projetado no ar, faz uma espécie de meia-volta e aterra com a cara na estrada. O metal, a amolgar-se e a torcer-se, geme como um animal ferido, e a minha mão voa-me para a cara, tentando em vão conter o cheiro acre a borracha queimada que começa a encher-me os pulmões.

O meu pé carrega a fundo no travão e salto para fora do carro, deixando-o no meio da estrada, com a porta completamente aberta. Fico ali, a engolir o sabor doentio que me inunda a boca.

Tudo parece congelar no tempo, invadido pelo silêncio. Traz consigo uma qualidade ensurdecadora peculiar e, por um instante, sinto-me perdida no rugido vazio que me cerca.

O feitiço quebra-se quando a porta do carro prateado se abre e uma mulher com uns quarenta anos, de calças de ganga e casaco cor-de-rosa, sai, cambaleante, e vomita para a berma da estrada. Segura o cabelo, afastando-o da cara, como se por qualquer motivo importasse mantê-lo limpo.

E é nessa fração de segundo que a reconheço.

Não há como confundir aquela cara.

Lembro-me a mim mesma de continuar a respirar. Tenho a garganta apertada e seca, e o meu coração contrai-se com tanta força, que quase o sinto a pender no meu peito como um caroço de alperce seco.

Há doze anos, quando saí do hospital, embora tivesse estado com ela apenas brevemente, uma ou duas vezes, passei cada minuto livre a tentar encontrar-lhe o rasto.

Eu era tão jovem, desesperada e ingénua nessa altura... Não tendo quem me ajudasse, embati contra um muro: ela simplesmente desaparecera por completo.

Acabei por ter de reconhecer que a perdera. Tudo o que podia fazer era rezar para que o karma realmente existisse e ela tivesse o que merecia pelo que nos fez.

E ei-la aqui, agora, mesmo à minha frente. A destruir mais uma vida.

Observo o condutor grisalho do *Mercedes* preto que parou atrás de mim, a tirar o seu casaco de aspeto caro e a colocar-lho sobre os ombros. Conforta-a com um abraço protetor, murmurando-lhe palavras tranquilizadoras ao ouvido.

Há algo nela que atrai os outros, dá-lhes a impressão de que é uma pessoa decente.

É tão irónico.

Começa a aparecer mais gente, vinda aparentemente de nenhures.

Penso em voltar para o meu carro e abandonar o local. Parte de mim impele-me a afastar-me dela, mas, é claro, tal não vai acontecer.

Não poderia deixá-la escapar de novo.

No meio do caos, os meus olhos são atraídos para o corpo longo e ferido, estirado na estrada. Partes da mota estão espalhadas à sua volta, fragmentos cromados e irregulares, como *confetti*.

Ignoro a multidão que aumenta rapidamente do outro lado da rua e agacho-me ao lado dele, tomando-lhe o pulso. A mão

treme-me ao pressionar suavemente e, por um momento, penso que ela o voltou a fazer, porque não consigo sentir qualquer movimento sob os dedos. Não há sinal de vida.

De repente, os seus olhos mexem, e eu respiro.

Brotam pessoas das pequenas casas geminadas que ladeiam a Green Road, de dedos apontados e boquiabertas.

Olho outra vez para ele.

Está preso à vida por um fio. Consigo senti-lo. Se o perder agora, nunca serei capaz de me perdoar.

Aquela jovem assustada que não sabia o que fazer já morreu há muito.

Desta vez, talvez consiga fazer a diferença.

O condutor aterrara de barriga para baixo sobre o seu lado esquerdo. Uma poça espessa, como melaço rubi, floresce por debaixo da sua cabeça.

Inclino-me para lhe afagar a cara, mas sem lhe largar a mão.

Deve ter perto da minha idade: 30 e poucos anos, diria. A sua pele é suave, as pestanas compridas e escuras, a piscar como se tivesse sido surpreendido a meio de um sonho.

Do outro lado da estrada, onde se detém toda a atenção, ela uiva.

Quase não tem, sequer, um arranhão, mas foi sempre tão boa a fazer-se de vítima, que suponho que não me deveria surpreender.

Tento parar de olhar, para não chamar a atenção, mas não preciso de me preocupar: ela só se vê a si mesma.

Não faz a menor ideia de quem sou ou do que me fez há já tanto tempo.

Por certo, estou muito diferente agora. Passaram-se uns longos 13 anos. Tenho o cabelo bastante mais escuro e carrego quase mais 25 quilos. Não há qualquer traço da rapariga ingénua e delgada que lhe ofereceu a sua confiança tão facilmente.

É que pessoas como ela nunca reparam realmente nas pessoas insignificantes à sua volta.

Andam pela vida, mergulhadas nas suas decisões egoístas, deixando um rasto de destruição à sua passagem, sem sequer pensarem nisso.

Até que um dia levam com tudo, terrivelmente.

Então, têm de engolir o que fizeram.

Ouçó alguém gritar:

— A ambulância vem a caminho.

Juntam-se hordas de pessoas à volta, curiosas.

Os seus olhos estão pregados no condutor da mota, mas não vejo grande compaixão, apenas uma pequena e dissimulada fome dos pormenores sanguinolentos que talvez lhes sejam revelados, caso se mantenham por ali tempo suficiente.

Ajoelhada, apoio-me rigidamente nas ancas e preparo-me para me levantar. Quero sair dali antes que a ambulância chegue.

Sei que conseguirei mantê-la debaixo de olho através das reportagens do jornal local sobre o acidente, e posso identificar-me mais tarde à polícia como testemunha.

Uma grande parte de mim quer permanecer ali, mas aprendi muito com a minha terapeuta. A recuar perante os meus pensamentos, por exemplo, e a avaliar a situação calma e logicamente, de modo a tomar a melhor decisão.

Se ficar, não sei se posso confiar em mim para não fazer uma cena. Desta vez, preciso de garantir que cada ação, cada passo que der, serão cuidadosamente planeados e pensados.

Para não cometer nenhum erro.

Sinto algo a roçar-me a mão e olho de relance para os dedos feridos do condutor, que se fecham à volta dos meus.

Os seus olhos azul-ardósia estão raiados de sangue e muito abertos, mas parece alheado de todas as pessoas de pé à sua volta, como se não conseguisse ver mais nada além da minha cara.

Inspira fortemente e olha diretamente para mim.

— Ajuda-me — sussurra.

CAPÍTULO 2



Trabalho para o Royal Mail há pouco mais de cinco anos. Seis dias por semana, ponho o despertador para as quatro da manhã e conduzo até ao serviço de entregas com tempo suficiente para o início do meu turno, às cinco.

A minha primeira tarefa é sempre organizar o correio por códigos postais, segundo as moradas da minha zona. Depois ponho-o em sacos e vou entregá-lo aos moradores do bairro de Clifton, uma prolífera massa de betão cinzento dos anos 1950 dos subúrbios de Nottingham, que teve em tempos o dúbio privilégio de ser o maior bairro habitacional da Europa.

Parece simples, mas entregar o correio correta e atempadamente é tudo menos fácil, e também não é uma tarefa menor. A maior parte das pessoas dá muito valor ao seu serviço de correios.

Alguns dos outros carteiros veem-no apenas como um trabalho, mas, na minha perspetiva, não é necessário muito para fazer realmente a diferença na vida das pessoas.

A Sra. Gray, de Beck Crescent, tem as pernas ulceradas, pelo que a primeira coisa que faço nas manhãs de sexta-feira é trazer o seu caixote do lixo cá para fora. Este verão cortei o relvado ao Sr. Bagley no meu dia de folga, quando a sua artrite estava a dar sinal.

Agora, quando me apanha à porta, fala-me ininterruptamente do seu único filho, que vive na Austrália. Muitas vezes

apetece-me dizer-lhe: «E onde está o seu precioso filho quando a relva precisa de ser cortada e o senhor precisa de ir aviar as suas receitas?»

Mas, claro, nunca o faço.

Na verdade, os meus colegas do serviço de entregas são um bom grupo. Aparentemente, sabem deixar-me em paz a fazer o meu trabalho.

As pessoas desistiram há muito de tentar atrair-me para as suas infundáveis conversas sobre os *reality shows* e a *Coronation Street**. No entanto, admito, por alguma espécie de estranha osmose, seria provavelmente capaz de dizer o que está a acontecer em cada um dos programas de que falam.

Estava tudo a correr perfeitamente bem lá no trabalho, até que, na semana passada, sem mais nem menos, a situação mudou. A administração decidiu que teríamos uma reavaliação das zonas de entrega.

Quando chegou a minha vez, o Jim Crowe veio ter comigo.

— Não vais conseguir acabar antes das três e muito, Anna — disse, consultando a sua prancheta. — Achamos que talvez a zona seja demasiado grande para ti.

Foi o Jim quem me entrevistou quando me candidatei ao lugar, há cinco anos. Fiquei tão excitada por ter sido chamada, que apanhei o autocarro errado e cheguei alguns minutos atrasada.

Lembro-me de que o Jim repetiu uma ou duas das perguntas quando me mostrei confusa e disse-me para demorar o tempo que fosse necessário quando me esquecia do que queria dizer.

Apostou em mim, nessa altura. Deu-me o trabalho. Acho que, desde então, sempre olhou um pouco por mim. É como se, de certa forma, sempre tivesse percebido que por vezes tenho dificuldades com determinadas coisas, apesar de, ao início, ele não saber de nada do que me acontecera anteriormente.

* Série emitida na televisão britânica desde 1960. [N. do T.]

— Eu acabo sempre a minha zona, não acabo? — respondi.

— Com uma hora ou mais de atraso, sim. Mas não podemos continuar a pagar isso, Anna. As horas extraordinárias são caras e tenho ordens para reduzir as escalas de serviço.

Observei as gotas de suor que se instalavam nos espaços calvos onde o cabelo do Jim principiava a recuar. Não disse nada e esperei que ele voltasse a olhar para mim, mas continuou simplesmente a folhear os papéis na sua prancheta.

Por fim, o Jim concordou que eu poderia manter a minha zona por enquanto, desde que não reclamasse quaisquer horas extraordinárias. Muito amável.

— Vamos ver como corre — disse-me. — Se te vires em dificuldades para acabar, talvez tenhamos de te dar outra zona, possivelmente Huntsmoor. Lamento, Anna, desta vez não depende de mim.

Encolhi os ombros e afastei-me, mas, por dentro, um intenso calor fervilhava profundamente nos meus ossos. *Ninguém* queria a zona de Huntsmoor, razão pela qual era sempre coberta por pessoal contratado através da agência de recrutamento.

A tão temida Huntsmoor. Um mar de betão sujo e janelas entaipadas.

Era um milagre se os carteiros conseguissem passar pelos cães de raças perigosas que forçavam as suas correntes e por aqueles jovens ranhosos e encapuzados que se juntavam no exterior das casas de habitação social de manhã à noite, independentemente do tempo.

Arrepiou-me pensar que poderia acabar a fazer a zona de Huntsmoor se a administração procedesse a grandes mudanças.

O meu trabalho impedia-me de descarrilar, fazia com que os dias continuassem a avançar. Ajudou-me a escapar aos dias escuros, aos quais não queria voltar.

Decidi de imediato que haveria de me agarrar à minha zona de entregas a qualquer custo.



Afinal, não tinha de me preocupar.

Tal como hoje, acabei a minha zona dentro do tempo estipulado durante exatamente sete dias e sem ter de fazer horas extraordinárias.

Agora a administração não tem alternativa senão recuar e deixar-me em paz. Podem ir chatear qualquer outra pessoa, porque eu cá me arranjo.

Pelo menos por enquanto.

Esta manhã acabei mesmo a tempo e levei o saco do correio vazio para a estação, certificando-me de que o Jim me via a pendurá-lo.

Os meus clientes dependem de mim e não gostam de mudanças. Não iam gostar de ter outro carteiro.

Para começar, como poderia alguém novo adivinhar que a família Benson de Buxton Crescent recebe todas as encomendas feitas pela Internet no número 86, do outro lado da rua?

Quem diria ao novo carteiro que o imaculado Sr. Staniforth, que se desloca todos os dias para Canary Wharf e fica fora de casa 14 horas, gosta do seu correio acondicionado com um elástico para não voar pelo corredor?

É este o tipo de pormenores a que as pessoas dão valor.

Quando acabei o turno da manhã, preendi a minha bicicleta no suporte lá fora e voltei para casa de carro. Trazia ainda o meu colete fluorescente e, como o dia estava razoavelmente quente para outubro, acabei por transpirar um pouco.

Lembro-me de estar ansiosa por chegar a casa, para poder vestir algo mais confortável e relaxar com o meu gato, o *Albert*, um chocolate quente e um episódio gravado de *Homes Under the Hammer**.

Foi então que abri ligeiramente a janela do carro e virei na esquina para a Green Road.

* Programa da BBC, no ar desde 2003, sobre renovação e restauro de imóveis. [N. do T.]

Só agora, em retrospectiva, me apercebo de que cada minuto dos últimos 13 anos se alinhou perfeitamente até àquele preciso instante — para me trazer de volta.

Apesar de ter perdido há muito a esperança de que um dia ela pagaria pelo que fez, a verdade era agora clara como água.

Estivera sempre destinada a reencontrá-la.

CAPÍTULO 3



Pela manhã, há um parágrafo superficial sobre o acidente no *Nottingham Post*. Para minha irritação, o nome da condutora do carro é omitido; mas, claro, eu já sei o seu verdadeiro nome. Isto é, antes de ela o ter mudado.

Pelo menos, assumo que o tenha feito. Os meses perdidos a tentar encontrá-la, e dando constantemente com becos sem saída, cheiram a alguém que arranjou uma nova identidade e desapareceu. Porém, qualquer anonimato que possa ter tido foi-se agora de vez, graças ao acidente.

Durante a noite, andei às voltas a pensar em toda esta situação, e acho que o mais importante é manter contacto com a vítima da mota.

Se o conseguir, de certeza que descobrirei rapidamente toda a informação relevante. Terei uma ligação indelével com a condutora do automóvel, para que não consiga escapar, por mais que se esforce. Não agora, com a polícia envolvida.

Antes de ter deixado o local do acidente, ontem, uma agente comunitária ficou com os meus dados. Disse que a polícia me contactaria muito em breve para eu prestar depoimento, o que será a minha hipótese de apresentar provas determinantes como testemunha ocular.

Recorto o artigo e deixo-o sobre a mesa, antes de levantar o prato e a caneca do pequeno-almoço.



Lá fora, no carro, assim que ponho o cinto de segurança, lembro-me de que não verifiquei o fogão. Todo o cuidado é pouco quando se trata de aparelhos elétricos. É sempre melhor termos a certeza do que arrependermo-nos mais tarde.

Destranco a porta da cozinha e olho à volta, mas reparo de imediato que apaguei o fogão e coloquei a nota adesiva com um *smile* sobre o interruptor.

Volto a trancar a porta e saio para o hospital, a matutar sobre o artigo do jornal.

Referiram o nome completo do condutor da mota, Liam Bradbury, afirmando que está estável, apesar da lesão na cabeça, e que está neste momento a receber tratamento no Queen's Medical Centre de Nottingham, conhecido localmente como QMC.

Esta manhã, quando liguei para o QMC, a rececionista pareceu surpreendida quando lhe disse que era a pessoa que se sentara na estrada e segurara na mão do Liam até chegar a ambulância. Depois disso, deu-me, com todo o gosto, o número da ala em que ele estava.

Não há muito trânsito e demoro pouco menos de 15 minutos a chegar ao hospital.

Conduzo através de sonolentos parques comerciais polvilhados de casais de reformados a sair vagarosamente dos seus carros. Jovens mulheres caminham pelos passeios, absortas em conversas ao telefone e empurrando os seus ignorados bebês ranhosos em berrantes carrinhos, rumo à cidade.

Estaciono e, no átrio do hospital, paro numa pequena loja excessivamente cara para comprar um cestinho de fruta. Depois dirijo-me para o elevador.

Lá em cima, na Enfermaria 8, apressam-me a entrar sem sequer me perguntarem quem sou, o que, tenho a dizer, categoriza o sistema de segurança como anedótico.

Pergunto a uma enfermeira sentada a uma secretária onde é a cama do Liam.

— É da família? — Estuda-me atrás do balcão. — É só porque ele agora está a descansar e não estamos no horário das visitas.

Explico-lhe quem sou.

— Só quero ter a certeza de que ele está bem — digo.

Sigo-a pela enfermaria até chegarmos a um pequeno quarto privado, ao fundo. Quase fico sem fôlego quando o vejo.

Embora ferido, todo pontilhado de estreitos tubos de plástico e uma máscara de oxigénio que lhe cobre a maior parte da cara, não consigo deixar de pensar que é um homem bastante atraente. O seu cabelo castanho, num tom dourado pelo sol, apesar de baço e emaranhado, promete brilhar.

E é parecido com o Danny. É estranho associar as palavras *irmão* e *atraente*, mas o Danny era, de facto, um rapaz muito bonito, tanto por dentro como por fora. O rosto anguloso do Liam e os seus olhos grandes fazem-me ter ainda mais a certeza de que tudo isto estava destinado a acontecer.

Coloco o cesto da fruta numa mesinha ao seu lado.

— Ele sofreu um violento trauma na cabeça, mas agora está bastante estável — diz a enfermeira, alisando os cobertores da cama. — Mas não sei como é que a sua pobre avó vai fazer quando o levar para casa.

Ocorre-me que ele é demasiado velho para viver com a avó, mas suponho que o preço atual das casas impede muita gente de dar esse passo, pelo que não o devo julgar.

Penso na minha própria humilde e pequena casa geminada. Não é decerto nada de especial, mas pelo menos é minha. É minha desde... Bem, pelo menos, há 13 anos.

Queria que a enfermeira nos deixasse a sós, para eu poder reproduzir os acontecimentos de ontem na minha mente.

A mão flácida do Liam estende-se, pálida, no azul suave do cobertor do hospital e as suas pálpebras estão agora perfeitamente imóveis, sem pestanejar, como faziam na estrada.

Quando a enfermeira sai para falar com alguém, surge a minha oportunidade. Pego na mala e tiro o telemóvel. Não demoro muito a conseguir aquilo de que preciso, e faço um bom trabalho,

pois ouço logo a seguir a enfermeira a revoltar atrás de mim outra vez.

— Suponho que tenho de sair agora — digo.

— Desculpe, temos de tratar toda a gente da mesma maneira no que toca a visitas. — Ela olha para mim e o seu rosto suaviza-se um pouco. — Porque não volta mais tarde, por volta das 18 horas? A avó dele vai estar cá a essa hora e estou certa de que terá todo o interesse em agradecer-lhe por tudo o que fez por ele.

Olho para a mão do Liam.

— Não fiz nada que qualquer outra pessoa não fizesse — digo.

Volto para o carro, sob uma morrinha fria e cinzenta.

Por norma, se por qualquer razão estou sem nada para fazer, vou dar um passeio por Colwick Park, que fica a uma curta distância de onde vivo, em Sneinton.

Gosto de ficar sentada a observar os patos a menear-se num dos lagos. As suas vidas parecem tão simples e sem pressas. Costumava atirar pão para a margem arrelvada, mas eles juntavam-se todos e ficavam loucos, pelo que deixei de o fazer.

Para que as coisas funcionem, temos de manter um controlo firme. Não há mais nada que possamos fazer.

Hoje está bastante frio e há demasiada humidade para visitar o parque, pelo que conduzo de novo até casa para esperar pelas 18 horas, quando começa oficialmente o horário de visitas do hospital. Antes de entrar, porém, passo pela casa da minha vizinha do lado, a Sra. Peat.

Bato na pequena janela lateral, e ela levanta o olhar do seu ponto de cruz.

— Está tudo bem, Sra. Peat? — pergunto através do vidro.

Ela sorri e acena com a cabeça, fazendo um ligeiro gesto com a mão carnuda. Temos um código: eu bato à janela e, se ela precisar de alguma coisa, faz-me sinal e eu entro pelas traseiras com a chave sobresselente, que está escondida debaixo do ferrugento suporte da garrafa do leite, ao pé da porta.

Às vezes entro de qualquer maneira, quer ela precise de mim, quer não. É frequente tomar um chá com ela para quebrar a monotonia do seu dia. Devo-lhe isso.

— Gostava que me tratasses por Joan — diz sempre, repreendendo-me, mas eu não consigo. Fui sua vizinha durante toda a minha vida e algumas coisas, bem, são sagradas, não são?

Aos meus olhos, a Sra. Peat será sempre a Sra. Peat.

Eu e a sua assistente de saúde, a Linda, garantimos a sua vigilância. Na verdade, não dá trabalho nenhum.

A sua inútil filha, a Janet-Mae, vive a mais de 80 quilómetros de distância e visita-a uma vez por mês, com sorte. Mas aposto que vai ser bastante mais rápida no dia em que uma de nós encontrar a sua pobre mãe rígida como uma tábua na poltrona e for chegado o momento de vender a casa.

Claro que eu nunca lhe disse isto.

Quando chego a casa, o *Albert* está sentado junto à porta das traseiras, à espera, pacientemente. Tento sempre ir diretamente para casa depois do meu turno, para lhe dar de comer à mesma hora todos os dias. Ele parece compreender o valor da rotina.

As pessoas tendem a pensar que os gatos não são animais sociáveis, mas enganam-se. O *Albert* depende de mim a todos os níveis. Naturalmente, nunca o deixo sair à noite. A ideia de ele andar a vaguear pelas ruas é o suficiente para não me deixar dormir. Sei o quão horríveis podem ser as pessoas, e nem sempre são os desconhecidos que fazem mal aos animais.

Fecho os olhos e comprimo as memórias dolorosas dentro da caixa imaginária na parte de trás da minha cabeça, como a minha terapeuta me ensinou. Não é altura para reviver o passado.

Depois de dar comida ao *Albert*, folheio os outros jornais locais que entretanto comprei para ver se consigo encontrar mais alguma coisa sobre o acidente. Há um par de menções, apenas uma linha ou duas, nada como no *Nottingham Post*. Recorto-as, ainda assim, e arquivo-as em conjunto com a outra reportagem.

Abro uma nova pasta no computador e crio o primeiro documento, anotando a hora da minha visita ao hospital nessa manhã e a condição do Liam. Confirmo duas vezes que registei os comentários da enfermeira sobre o facto de ele viver com a avó.

Não vou deixar nada ao acaso.

Ponho o *Albert* no corredor para não me incomodar. Abro a fotografia no meu telemóvel. Ficou muito melhor do que eu esperava.

Tirei-a à pressa, quando a enfermeira saiu do quarto, e nem sequer tinha a certeza de que a câmara tivesse focado corretamente. Porém, a imagem é muito nítida e mostra o Liam deitado, pálido e dolorido na sua cama de hospital, coberto de tubos e aparelhos de monitorização.

Crio uma segunda pasta no computador e guardo a fotografia, que entretanto enviei por e-mail para mim mesma.

É realmente uma pena não me ter lembrado de lhe tirar uma ontem, quando estava ferido na estrada. Imagino que ele irá provavelmente ficar aborrecido comigo por causa disso quando se sentir melhor.

Hoje as coisas não correram exatamente como eu desejava ou esperava.

Imaginava-me a chegar ao hospital de manhã e a encontrar o Liam sentado na cama, pronto a contar-me tudo o que a polícia havia descoberto sobre a mulher que o ceifou.

Observo-o outra vez na fotografia e o meu coração pesa-me. Ele permanece inconsciente devido à medicação.

Nem sequer sabe que eu existo.

Ouçó o tique-taque do relógio e o *Albert* arranha a porta da sala para que eu o deixe entrar.

Começo a arrepender-me de ter ligado a dizer que estava doente esta manhã. E se a administração arranjar outra pessoa que faça a minha zona e essa pessoa fizer um trabalho melhor?

Devia ter ido. Não posso arriscar que eles descubram o verdadeiro motivo pelo qual estou a conseguir acabar a minha zona sem recorrer a horas extraordinárias.

Saio de ao pé da mesa, sento-me na poltrona e olho de relance para o tecido puído onde, durante anos, repousaram os braços da minha mãe.

Ouve-se um zumbido baixo e intermitente que vem do frigorífico, mas, de resto, a casa está silenciosa. O ar paira, grosso e pesado, e parece envolver-me como uma capa a gotejar memórias desagradáveis.

Quando éramos miúdos, nenhum de nós podia sentar-se na poltrona da mãe. Ela apercebia-se quando a almofada estava fora do sítio, nem que fosse um milímetro.

Gostava de encontrar as coisas tal como as deixara.

Fecho os olhos e sinto o tecido áspero a pressionar a pele fina e pálida dos meus pulsos.

Agora ela não pode fazer nada quanto ao facto de eu estar aqui sentada.

Nenhum deles pode.

CAPÍTULO 4

—◆—
Joan Peat

Joan permanecia sempre na sala até Anna sair para o trabalho. No entanto, não precisava de ficar sentada à janela a observar: bastava-lhe, normalmente, um ouvido atento.

A sua pequena rua era tranquila. Não havia muitos carros a passar por ali, sobretudo logo cedo pela manhã, à hora em que a sua vizinha ia trabalhar.

Hoje, Anna rompera a rotina e saíra para o trabalho mais tarde do que era costume e regressara muito antes do fim do seu turno. E agora Joan acabara de ouvir a porta das traseiras a bater: ela estava a sair outra vez.

Anna estacionara o carro à frente da casa. Joan viu-a a aproximar-se da porta do condutor.

Reparara que ela ganhara peso nos últimos anos. Parecia passar a vida ou com o seu uniforme do Royal Mail ou com calças de ganga, botas e uma camisola cinzenta excessivamente grande que lhe dava um ar um tanto desleixado.

Joan raramente vira Anna maquilhada, e, nas últimas semanas, passara a usar um boné de basebol castanho-escuro que não a favorecia nada e só sublinhava a sua aparência pastosa e ligeiramente inchada.

Ainda assim, Joan acreditava firmemente que a Anna que conhecera ainda estava ali, algures. Estava simplesmente escondida, demasiado assustada para se revelar. Joan vivia na esperança

de que um dia houvesse um vislumbre daquela paixão pela vida que a jovem Anna possuía.

Assim que a vizinha se afastou no carro, ergueu-se da poltrona e foi até à cozinha preparar um chá.

Tanto Anna como Linda, a sua assistente de saúde, julgavam que Joan era incapaz de se movimentar sozinha. Joan não considerava o facto de o conseguir uma mentira consumada. Simplesmente, não lhes dizia a verdade. Era diferente.

Seja como for, costumava sentir, de facto, algumas dificuldades, e mesmo num dia bom não andava propriamente a correr pela casa como Mo Farah*.

Por isso, preferia pensar nisso como uma pequena mentira inocente.

Era geralmente verdade que ela conseguia andar sem precisar de ajuda. Em certos dias, chegava mesmo a subir as escadas, desde que tivesse cuidado em não se esforçar demasiado e usasse o estranho respirador durante a subida.

Era tão bom ver Anna e Linda com regularidade. Se soubessem que Joan conseguia aguentar-se sozinha, deixariam provavelmente de vir com tanta frequência, e essa era a última coisa que ela queria.

Era surpreendentemente fácil enganar os outros: mesmo a enfermeira do bairro, Jasminda, que a visitava de dois em dois meses para lhe ver as pernas inchadas e ulceradas.

Confiavam tanto em Joan e na sua palavra. Afinal, porque haveria ela de os enganar em semelhante coisa?

Bem, a solidão era razão para tal.

Joan pensou em como essa palavra começara a ser usada com tanta frequência: *solidão*. Inclusivamente por pessoas que não fazem a menor ideia do seu verdadeiro significado. Pessoas que nunca sentiram a sufocante folha do silêncio a colar-se-lhes como película aderente desde o momento em que acordam. Pessoas

* Corredor de fundo britânico, nascido em 1983 e de origem somali, que se sagrou campeão olímpico em quatro ocasiões. [N. do T.]

que não tinham noção do que é ter de ligar o rádio noutra divisão da casa, só para fingir que há familiares ou amigos em visita.

Porém, Joan sabia ter ainda, em Anna e Linda, pessoas reais com quem falar na maior parte dos dias, e isso ajudava-a a respirar. Ajudava-a a atravessar cada longa semana, um dia de cada vez.

Todas as pessoas que Joan via com regularidade vinham por pensarem que ela não se conseguia mexer e não conseguia viver sem a sua ajuda. E, de certa forma, tinham razão.

A verdade é que ela não conseguia, de facto, viver sem elas.

Joan sentia-se afortunada por ter tais almas caridosas por perto.

E, afinal, no passado também ela tentara ajudar sempre os outros no que pudesse, para lhes aliviar a carga.

Anna, por exemplo.

Eram vizinhas há mais de 20 anos e Joan praticamente a adotou quando ela saiu do hospital. Pelo menos até fazer 18 anos.

Anna não tinha mais ninguém a quem recorrer.

As pernas de Joan poderiam até estar a desfalecer, mas não tinha problema absolutamente nenhum de memória ou de audição, apesar dos seus já quase 80 anos.

Infelizmente, isto significava também que era capaz de recordar cada pormenor do que acontecera na casa ao lado há 13 anos.

Que situação horrível fora tudo aquilo!

Tal como se lembrava claramente do dia em que os Clarkes se tornaram seus vizinhos.

Havia uma leve camada de neve noturna na manhã em que Monica e Jack Clarke chegaram à casa ao lado com a sua menina, Anna.

Joan e o seu marido, Arthur, tinham ouvido dizer que Jack Clarke fora operário em Annesley Colliery, mas ficara preso na peça de uma máquina a meio de um movimento e perdera um braço.

Os Clarkes usaram a indemnização para comprar a pequena casa geminada ao lado da de Joan e Arthur, para ficarem mais perto da cidade, aparentemente para que Monica pudesse arranjar emprego a tempo parcial.

Nessa altura, Arthur ainda era vivo, claro. Rijo, a pedalar 50 quilómetros para ir e vir da fábrica todos os dias. Dois anos antes de o cancro no pâncreas o ter apanhado, com apenas seis semanas entre o diagnóstico e a morte.

Joan pousou suavemente a chávena e o pires na mesinha de centro e olhou lá para fora, em direção à estrada.

Monica Clarke foi presunçosa e antipática desde o primeiro instante, embora Joan não conseguisse imaginar de onde vinham os seus modos e manias.

— Uma loura falsa sem maneiras e um decote demasiado pronunciado. — Fora assim que Arthur descrevera Monica quando ela emergiu pela primeira vez da carrinha de mudanças que Jack contratara.

Quando lhes acenaram desta mesma janela, Monica ignorou-os. Arthur foi sempre um excelente juiz de caracteres.

A pequena Anna, porém... Voltou-se para eles e ofereceu-lhes o seu maior sorriso.

Era uma coisinha doce. De caracóis perfeitos e olhos azuis, como uma boneca de porcelana.

A filha de Joan e Arthur, Janet-Mae, andava na universidade nessa altura, a tirar o curso de gestão, em Manchester. Vinha a casa quando podia, o que não acontecia muitas vezes.

Quando os olhos de Joan caíram sobre a pequena Anna, o seu coração dilatou com as memórias do tempo em que Janet-Mae era pequena e ainda precisava dela. Tinha sido há tanto tempo.

Joan fitava agora o espaço onde os Clarkes haviam estacionado a carrinha há todos esses anos. Chovera a noite inteira. A sarjeta estava imunda, coberta de lama e folhas, e junto ao limite do passeio distribuíam-se vários montes de pedras, como tumores.

Desviou os olhos e recordou o modo como Anna se chegara à frente, acenando-lhes ao longe até que Monica veio e a agarrou pelo braço, puxando-a bruscamente.

Não demoraram muito, claro, a descobrir a inclinação de Monica por álcool e por homens.

Sendo alguém que ia regularmente à igreja, Joan fez um esforço enorme para evitar juntar-se às histórias sussurradas pela vizinhança sobre a colorida vida noturna de Monica, murmuradas sobre muros de jardins e na loja da esquina. Mas não era fácil.

Da janela do primeiro andar, na noite avançada, Joan vira Monica, mais de uma vez, nos braços de um homem que definitivamente não era o seu marido. Era mais provável ser o marido de outra pessoa qualquer.

Os Clarkes viviam na casa ao lado há apenas um ano quando Monica ficou grávida de Daniel.

Meu Deus, as discussões duraram semanas. Com o auxílio de um copo voltado contra a parede comum, Joan conseguia ouvir com frequência tudo o que eles diziam, praticamente palavra por palavra.

Escusado será dizer que Jack Clarke parecia estar absolutamente convencido de que o filho não era seu, e um mês depois saiu de casa, deixando para trás Monica, grávida, e a sua filha, Anna.

Foi a última vez que os Peats o viram.

Seis meses mais tarde, Jack Clarke morreu. Ouviram dizer que tivera uma discussão alcoolizada com um camionista na cidade e, como seria de esperar, acabou da pior forma possível.

Foi por essa altura que a pequena Anna começou a visitar Joan e Arthur com regularidade.

Surpreende-me sempre o quão fácil é parecermos uma coisa para as pessoas que nos rodeiam e vivermos por dentro como uma pessoa completamente diferente.

São necessários anos de prática primeiro, claro. Mas a longo prazo vale a pena, quando vês alguém a desfazer-se e podes recuar e pensar: fui eu que fiz isto.

É um pouco como vestir a mais brilhante e festiva das roupas para que ninguém veja o quão fraco e perdido te sentes por dentro. Ficarias surpreendido se soubesses o quão fácil é esconder os teus verdadeiros sentimentos com um sorriso e uma palavra gentil.

Não me interpretes mal, fingir que se é invisível pode ser verdadeiramente irritante. Deixá-los pensar que aquilo que tu queres e sentes na verdade não importa.

O truque é ficar quieto e ouvir, absorver tudo o que conseguires. As pessoas adoram falar sobre si mesmas.

Eu digo-lhes o que querem ouvir, observo-as enquanto engolem as minhas hábeis palavras como lâminas de barbear mergulhadas em mel.

Não lhes passa pela cabeça que estão a ser manipuladas como um fantoche.

Quando começarem a ficar desconfiadas, será demasiado tarde. Hei de puxar-lhes esse letal cordão de lâminas e não de sofrer.

Sei como é porque já o fiz antes.

CAPÍTULO 5

—◆—
Anna

Após a visita não oficial ao hospital esta manhã, acabo às voltas pela casa a tarde toda, vigiando o relógio e não fazendo nada até chegar de novo o horário das visitas.

Por mais que me esforce por dissimular os meus pensamentos, não a consigo tirar da cabeça.

A sua cara quase não mudou ao longo dos anos. Nenhum sinal deixado pela devastação do tempo. Sem rugas profundas que documentem a tristeza ou o remorso. Bem, provavelmente porque ela nunca sente tristeza ou remorso. Pertencem sempre a outra pessoa qualquer.

Se quisesse ser minuciosa, diria que me parece ligeiramente diferente. As feições parecem-me mais tortuosas, como se a mentira lhe tivesse de algum modo distorcido o rosto ao longo do tempo.

Mas é natural que agora me pareça diferente. Eu tinha apenas 13 anos quando a vi pela última vez: era uma criança crédula e muito assustada.

Ao longo do tempo, a terapeuta ajudou-me a compreender que ela me fazia recordar quem fui outrora. Disse-me ser importante não esquecer que nessa altura eu era só uma criança, que fizera o melhor que podia.

Aceitá-lo ajudou-me a lutar contra a corrosiva corda de culpa que retorcia e enroscava tão completamente as minhas entranhas, fazendo-me sentir que nunca me haveria de livrar dela.

Nos dias mais difíceis, ainda hoje, gosta de repuxar com um pouco mais de força, para que eu saiba que ainda aqui está.

Esperar por informações da polícia sobre a condutora do automóvel é uma tortura, mas sinto o reconfortante brilho da vingança a ganhar forma.

Quando obtiver as informações, será tão tentador simplesmente atacá-la e feri-la como puder, mas estou determinada a ser firme, a fazer com que valha a pena.

E há também, agora, algo mais em jogo.

O Liam, na sua atual vulnerabilidade, precisa de ser avisado do quão perigosa ela é. Não posso propriamente dizer-lhe grande coisa nesta fase inicial sem parecer paranoica e sem lhe expor os meus próprios planos, mas, de certa forma, ele também precisa de se proteger dela.

Mesmo que ainda não o saiba.

Chegou finalmente a hora de ir ao hospital. Tenho de voltar atrás duas vezes para ajeitar as almofadas da sala, mas, finalmente, consigo ir para o carro.

Já está escuro cá fora e a chuva cai pesada e implacável, refletindo contra mim os faróis do carro que se aproxima na estrada molhada e brilhante.

Conduzo devagar até ao hospital, meditando silenciosamente acerca das coisas que me ocupam a mente.

O trabalho. O acidente. Ela.

A minha cabeça é um turbilhão de pensamentos que fluem e refluem como uma maré negra, mas, pouco a pouco, os músculos do pescoço começam a relaxar à hipnótica batida do limpa-para-brisas que vibra em todo o carro.

Quando paro nos semáforos, evoco imagens de como será a avó do Liam. Talvez uma mulher gorducha e caseira, que me levará em braços, acolhendo-me na família.

Suponho que há de ficar muito contente por me ver e tentará sem dúvida fazer do que fiz pelo Liam uma grande coisa, embora,

na verdade, não tenha sido nada de extraordinário. Algumas pessoas julgar-me-iam demasiado modesta, mas não sou de espalhafatos. Só quero estar lá quando ele acordar.

Paro ainda em mais um sinal vermelho e fito a chuva, sentindo o meu batimento cardíaco a começar a acelerar. Em poucos segundos, a voz na minha cabeça dá início aos seus velhos truques.

E se afinal a avó do Liam não me quiser no hospital? E se não me deixarem vê-lo e não tiver como descobrir em que ponto está a investigação da polícia?

Desde que a minha vida se desmoronou, há tantos anos, pareceu-me mais fácil manter a distância em relação às pessoas do que aproximar-me delas. Pareceu-me ser o mais seguro, dadas as circunstâncias.

Quer dizer, nunca podemos ter a certeza de em quem confiar, independentemente de há quanto tempo conhecemos alguém, não é verdade? Não temos, de facto, como conhecer todos os seus lados ocultos.

Sei-o melhor do que a maioria das pessoas.

Quando penso em conhecer o Liam e a sua avó, as minhas mãos começam a formigar.

Mas desta vez não se trata só de mim. Tenho uma nova responsabilidade. O Liam pediu-me ajuda na berma da estrada e eu acedi.

Que tipo de pessoa seria eu se o abandonasse?

Graças às inadequadas condições de estacionamento do hospital, passa já bastante das 18 horas quando chego.

A enfermeira que vira de manhã está no balcão, a meio da ala. Sorri quando me vê.

— A avó do paciente chegou agora mesmo, querida. Espere um segundo, que eu já a levo lá abaixo. Ele agora está noutra quarto.

Acabo por esperar bastante mais do que um segundo.

O telefone toca, depois um médico pede-lhe que lhe arranje as informações de contacto de um paciente. A pobre enfermeira tem de se desdobrar, e sinto-me mal por estar a aumentar a sua lista de tarefas, mas isto é importante. Eu tenho de o ver.

A unha do meu polegar esgravata o indicador como costuma fazer quando fico agitada por qualquer motivo.

Vejo passarem as 18h30 e começo a contar as vezes que inspiro, para tentar abrandar a respiração.

A visita termina às 20 horas e quero ter tanto tempo com o Liam quanto possível. A este ritmo, posso nem chegar a vê-lo.

A voz da terapeuta ecoa nos meus ouvidos: «Não consegues prever o futuro; por isso, para de pensar no quão mal as coisas vão correr.»

Assim faço. Paro. Penso antes no acidente, como foi ter a mão do Liam na minha.

Por fim, a enfermeira aparece de trás do balcão curvo.

— Vou levá-la lá abaixo. É Anna, não é?

Aceno afirmativamente e sigo-a por uma das quatro portas ao fundo da ala.

A poucos metros do longo corredor principal há um espaço retangular que se estende a um lado, com seis camas. Cobertores idênticos moldam rostos pálidos e abatidos, na sua maioria velhos, de olhos diluídos, a focar turvamente a distância.

Uma senhora de aparência débil esforça-se por sair da cama, a sua bata de hospital subida de um dos lados, a revelar uma perna queimada e marmórea. Tento imaginá-la mais nova, com um marido, um emprego e talvez filhos jovens.

A ideia de ter de suportar olhares curiosos, sem privacidade possível, revolve-me o estômago. Agrada-me que o Liam tenha um quarto privado e não tenha de lidar com semelhante indignidade.

— Chegámos — diz a enfermeira, abrandando o passo.

Bate à porta, e eu entro atrás dela.

O Liam está coberto por uma massa de tubos e aparelhos respiratórios, tal como antes. Parece ainda mais pálido e frágil, se é que é possível.

Sinto um aperto por dentro, e a cara do Danny cintila na minha mente.

Quero sentar-me a sós com o Liam.

Mesmo que ele ainda esteja inconsciente, quero dizer-lhe que estou aqui por ele.

— Ivy? — A enfermeira dirige-se à frágil idosa sentada junto à cama do Liam. — Esta é a Anna, a visitante de que lhe falei.

A Ivy olha-me inexpressivamente. É pequena e hirsuta, com qualquer coisa de ratazana. Torce o nariz para o ar, como se me tentasse tirar as medidas.

— A Anna é a senhora que ajudou o Liam após o acidente — explica a enfermeira.

A Ivy tenta levantar-se, mas as suas pernas débeis vacilam e volta a sentar-se.

— Foi a Anna que ajudou o meu neto — diz ela, como se o Liam ainda fosse um pequeno rapaz desamparado.

A enfermeira lança-me um piscar de olho cúmplice quando a Ivy me estende a mão pequena e enrugada.

— Muito obrigada. Agradeço-lhe muito o que fez.

Aperto-lhe a mão, mas os meus olhos são atraídos para a cama.

— Como é que ele está? — pergunto.

A Ivy abana a cabeça e comprime os lábios, como se não conseguisse falar.

— Na mesma — observa a enfermeira, tocando no ombro da Ivy. — Mas era de esperar, considerando aquilo por que passou.

— Já têm informações sobre a condutora do automóvel? — pergunto.

— Não soubemos de nada — retorque a Ivy. — Suponho que ainda é cedo.

— Vou deixá-las a sós para que possam conversar um pouco.

A enfermeira sai do quarto e a Ivy remexe na mala.

— O médico diz que é o melhor para ele, por agora. Ficar sob vigilância, quero dizer. — Tira um lenço. — Diz que vai dar ao seu pobre corpo uma hipótese de se restabelecer.

Percebo que esteja angustiada e provavelmente confusa com toda a informação que lhe chega, mas a sua fé cega no médico irrita-me. É vital que o Liam tenha por perto alguém que faça as perguntas certas ao pessoal médico.

— E então a mulher, a condutora do automóvel? — pergunto.
— O que é que a polícia vai fazer quanto a ela?

— Da primeira vez que passaram lá por casa para me dizerem que o Liam tivera um acidente, disseram que voltariam a contactar-me em breve — diz a Ivy. — Um deles deu-me um cartão com o número de telefone. Está algures lá em casa.

Caminho devagar até ao outro lado da cama.

O braço do Liam está a descoberto, estendido sobre o cobertor. Toco-lhe na mão, levemente, e deixo que os meus dedos se demorem nela por alguns segundos.

Suponho que tocar na mão de um homem tenha de ser estranho para alguém que nunca teve sequer um namorado, e confesso que estou fascinada com os seus dedos grandes e a sua pele ligeiramente húmida.

Fico assim alguns instantes e observo o seu peito a subir e a descer sob o cobertor. Pergunto-me se o Danny teria sido assim com esta idade.

Quando levanto os olhos, a Ivy está a fitar-me, pelo que afasto a mão.

— Disseram que o abraçou até chegar a ambulância — diz ela, debilmente.

— Eu não o *abraçei*, segurei-lhe na mão.

As pessoas interpretam sempre tudo mal. Nunca devemos deslocar alguém quando está ferido. Em vez de ajudar, podemos causar-lhe danos. Mas, na verdade, compreendo que nem toda a gente fez um curso voluntário de primeiros socorros e teve a nota mais alta do grupo.

— Vai ter de conseguir os dados do seguro da condutora do automóvel e o seu nome e morada junto da polícia — digo-lhe. — Quanto mais cedo, melhor. Não quer que ela tente escapar, pois não?

— Como já disse, eles devem contactar-me muito em breve.
— A Ivy remexe-se bruscamente na cadeira.

Estou quase a oferecer-me para fazer a ligação com a polícia em seu nome, mas depois reconsidero. Receio que ela talvez ache que é demasiado cedo, uma vez que acabámos de nos conhecer.

— Ele é um bom rapaz, sabe, mas insistia em ter aquela mota — continua, olhando para o Liam. — Eu avisei-o. Disse: «Aquela coisa é uma máquina mortífera.» Mas sabe como são os rapazes... Simplesmente não ouvem.

O Liam não é propriamente um *rapaz*.

A maneira como ela fala dele, como se ainda fosse um adolescente, dá-me vontade de ranger os dentes, e não quero voltar a esse hábito.

Não interessa quem disse o quê, a Ivy devia insistir com a polícia para processar a condutora.

Sinto que tenho o dever de continuar a pressioná-la neste sentido, tanto por ela como pelo Liam. É para seu próprio bem, tanto por ela como pelo Liam. Mas, por agora, fico em silêncio.

Levanto-me e viro-lhe as costas, indo até à janela para procurar avistar o parque de estacionamento cá de cima.

Observo as pessoas a correr entre carros e parquímetros, consumidas pelo tão temido ciclo de acordar-trabalhar-visitar que temos de suportar quando um familiar está no hospital.

— Lá em casa somos só eu e o Liam, sabe? — diz a Ivy calmamente. — Para lhe dizer a verdade, não sei o que faria sem ele. Ele mantém-me... — Subitamente interrompe o que ia dizer.

Volto-me para perceber o motivo pelo qual interrompeu a frase a meio, precisamente quando o quarto se enche com os seus berros agudos.

Saltando de ao pé da janela, sobressalto-me, surpreendida, quando olho para a cama.

Os olhos do Liam estão completamente abertos.

A Ivy pega-lhe na mão, e eu observo em silêncio. O meu coração bate com tanta força que consigo senti-lo na garganta.

— Graças a Deus — diz a Ivy, soluçando baixinho e pressionando a mão dele contra a sua face. — Ele está bem, ele vai ficar bem.

Espero que ela diga ao Liam quem sou, que sou a pessoa que ficou com ele na berma da estrada, mas ela não lhe diz nada sobre mim.

Passo pela Ivy e pressiono o botão da campainha que está junto à cabeça do Liam. Depois vou para o outro lado da cama e pouso levemente os dedos na mão dele.

Ele levanta os olhos na minha direção, mas não há qualquer sinal de reconhecimento nem expressão de gratidão. Não há emoção absolutamente nenhuma.

— Ele não se lembra de mim — murmuro.

— Onde está a enfermeira? — pergunta a Ivy.

Precipita-se em direção à porta e espreita para o corredor. Depois sai do quarto.

Pego na mão do Liam.

— Lembras-te do acidente, Liam? A polícia disse alguma coisa sobre aquela mulher, a condutora do automóvel?

Ele fecha brevemente os olhos, como se estivesse a percorrer um conjunto de slides com a mente. Quando os abre de novo, abana a cabeça devagar.

A porta abre-se e entram duas enérgicas enfermeiras, seguidas pela Ivy, lívida.

— Ele já falou? — pergunta uma das enfermeiras.

Eu abano a cabeça e solto a mão do Liam enquanto elas pairam à sua volta, verificando os vários fios e tubos.

— Temos de fazer alguns exames — diz a enfermeira gorducha à Ivy. — Já pedi para chamarem o Dr. Khan.

A Ivy está parada à porta, mas não diz nada.

— Ele vai ficar bem, querida, não se preocupe — diz-lhe a enfermeira, embora não tenha como o saber com toda a certeza. — O doutor vai já descer.

A outra enfermeira começa a falar, num tom de voz alto e dramático.

— Consegue ouvir-me, Liam? Consegue dizer alguma coisa?
— Não há qualquer reação da parte dele, só aquele olhar horrível e perplexo. — Liam, sabe onde está?

— Fala com a enfermeira, filho — diz a Ivy. — Só para sabermos que estás bem. — Avança alguns passos em direção à cama.
— Por favor, Liam. Diz qualquer coisa.

Lentamente, o Liam vira a cabeça para olhar para a Ivy e, num suspiro quebrado, pergunta:

— Quem és tu?

CAPÍTULO 6

Treze anos antes

Carla Bevin trabalhava no agrupamento de escolas de Cumber Meadows há pouco mais de dois anos, tendo começado logo após concluir a formação na Associação Britânica de Aconselhamento e Psicoterapia.

Não era há muito, no cômputo geral, mas era certamente há tempo suficiente para conseguir perceber a razão pela qual alguns miúdos achavam a escola tão difícil.

Muitas vezes não havia nenhuma razão em particular para que atraíssem tal sofrimento; pareciam simplesmente ser de um determinado tipo, e isso fascinava-a. Estava determinada a encontrar um padrão nas vítimas e a escrever um artigo sobre esse tema, um dia.

— Os miúdos são cruéis. Hão de aniquilar quem quer que seja remotamente diferente. Os pais deviam simplesmente transferi-los para outra escola. — Mark oferecera-lhe a sua valiosa opinião num desses raros momentos em que estavam a falar do trabalho dela e não de quanto dinheiro ele esperava fazer com as suas obras de arte.

O «*atelier*» do marido, como ele gostava de lhe chamar, era, na verdade, apenas um barracão chique da B&Q, ao fundo do jardim.

Até certo ponto, Mark tinha razão quanto aos miúdos vítimas de agressão, mas Carla sabia que este tipo específico de jovens

podia ser transferido cem vezes de escola, como um novo começo, que o resultado acabaria por ser provavelmente o mesmo.

Era como se algumas crianças trouxessem um sinal a dizer «ataca-me», visível apenas para outros adolescentes.

No entanto, Carla não podia dizer abertamente tal coisa, especialmente na sua atual condição de orientadora educacional. O pessoal da direção teria um ataque. Afinal, a frase que ela mais repetia aos seus jovens clientes era: «A culpa não é tua.»

Na verdade, o convite para se ser constantemente perseguido e odiado por causa da cor do cabelo, da marca dos tênis ou simplesmente por respirar era algo que alguns jovens emanavam como um mau cheiro que atraía os piores predadores.

E Daniel Clarke era uma dessas crianças.

Para poder usufruir do «investimento mínimo de 500 libras» que cada criança seguida custava ao orçamento da escola, um aluno tinha de ser considerado praticamente suicida, para que o órgão regulador aprovasse a sua integração.

Haviam aprovado recentemente Daniel, e com razão. Quando ele bateu à porta do seu gabinete, naquela segunda-feira de manhã, estava, francamente, num péssimo estado.

Os jovens reagem de modos diferentes nas primeiras consultas, mas, em geral, segundo Carla, encaixavam-se em três tipos.

Alguns eram demasiado tagarelas, dizendo tudo e mais alguma coisa numa tentativa mal velada de ocultar o que verdadeiramente sentiam.

Outros falavam menos e abriam-se apenas lentamente, com o tempo, como uma flor macerada.

Daniel pertencia ao tipo mais incomum, o terceiro, a que Carla chamava, não oficialmente, «impassível».

Não era que o rapaz falasse pouco. Mais do que isso, recusava-se a proferir uma só palavra e não dava sequer quaisquer pistas visuais em resposta a nada do que ela dissesse.

Assim que ele abriu a porta do gabinete, Carla reconheceu a expressão «impassível» colada no seu rosto, imóvel, como uma máscara. Era só o que lhe faltava.

— Por favor, Daniel, senta-te — disse ela com vivacidade, acomodando-se numa das confortáveis cadeiras que ela própria escolhera, num bonito azul-pervinca, que fazia lembrar a cor do mar.

O tapete bege — a areia — e as paredes limão-siciliano — o pôr do sol — completavam o conjunto, habilmente combinado para imitar uma apaziguadora linha costeira.

Era uma pena que a divisão não tivesse janela, mas, mesmo assim, Carla dera-se ao trabalho de trazer vários seixos lisos e um estranho pedaço de madeira que apanhara na praia para potenciar o efeito sereno e compensar a falta de luz natural.

Porém, no caso de Daniel Clarke tudo aquilo era em vão. Ele parecia não reparar em nada.

Sentou-se roboticamente, sem sequer se mexer na cadeira para procurar uma posição mais confortável e sem analisar para o espaço em volta. Ficou a olhar fixamente em frente, para um trecho vazio da parede recém-rebocada, para o qual ela ainda não encontrara o quadro adequado.

Carla escreveu as suas primeiras observações num pedaço de papel encabeçado pelo nome de Daniel e a turma.

— Eu sou a Carla — disse, pousando a caneta e entrelaçando os dedos sobre o colo. — Sabes por que motivo estás aqui, Daniel? Por que razão te encaminharam para mim?

Daniel não se mexeu nem pestanejou.

Era um rapaz magro, mas ela atribuiu-o a estar subnutrido e não a ser naturalmente pequeno.

Tinha o cabelo liso, de um louro-escuro, a precisar seriamente de um corte, caindo-lhe frouxo sobre o colarinho imundo da camisola. Carla reparou que ambas as pontas dos seus dedos indicadores estavam vermelhas e pareciam feridas, como se ele tivesse, de alguma forma, arrancado a camada mais superficial da pele.

— Estou aqui para te ajudar, Daniel. Penso que deves estar a atravessar um momento difícil.

Nenhuma resposta.

— Garanto-te que tudo o que disseres aqui, tudo aquilo de que falarmos, é estritamente confidencial. Não vou contar uma única palavra a ninguém.

Carla julgou captar um breve lampejo nos olhos do rapaz, mas foi substituído quase instantaneamente pelo olhar vazio.

No dia anterior, encontrara-se com a professora da turma de Daniel, a professora Martin, que a pusera a par de tudo. Aparentemente, a professora reparara que Daniel estava cada vez mais retraído desde o início do período.

Por via de uma investigação mais aprofundada, que envolveu outros funcionários, a professora Martin confirmou que Daniel começara a usar as táticas de evasão típicas, ao longo do dia, como sentar-se perto da porta para garantir que era o primeiro a sair da sala quando a campainha tocasse ou ficar sem almoçar a maior parte dos dias, de modo a evitar o refeitório.

— Um professor chegou mesmo a vê-lo a cortar caminho nos intervalos, em vez de ir lá para fora com os outros alunos — dissera a professora Martin, abanando a cabeça. — Falei com os suspeitos habituais do ano do Daniel, o Philip Naylor e a sua trupe de rufias, mas eles não assumem nada e, desta vez, acredito realmente neles quando dizem que não estão envolvidos nisto. Mas não consigo descortinar a base do problema, porque o Daniel recusa-se prontamente a falar comigo ou com qualquer outra pessoa.

O diretor de turma acabou por se envolver quando um professor auxiliar, numa aula de Educação Física, detetou possíveis sinais de automutilação nos braços de Daniel.

— Achamos que o pobrezinho se andou a cortar — suspirou a professora Martin. — Em 20 anos de ensino não me lembro de nenhum caso tão mau como este. Ele está a desvanecer-se mesmo à frente dos nossos olhos, mas não deixa que ninguém o ajude.

O órgão regulador foi posto ao corrente de todas estas preocupações e os agentes responsáveis, informados. Porém, Carla sabia, por experiência própria, que poderiam decorrer semanas até que os assoberbados agentes sociais da cidade fizessem alguma coisa.

Após alguns minutos de absoluto silêncio, Carla encheu dois copos com a água do jarro que estava numa mesinha baixa e empurrou um, através do pálido tampo de madeira, em direção a Daniel.

Ele nem lhe tocou.

— Eu estou do teu lado, Daniel. Quero que saibas isso. Não sou professora. Podes pensar em mim como uma amiga, se quiseres.

— Trabalha para a escola.

O seu tom frio e cortante apanhou Carla de surpresa e, por um instante, ficou sem saber o que responder ao certo.

— É verdade que sou funcionária da escola, Daniel — disse ela, não levantando a voz —, mas o meu trabalho de aconselhamento com os alunos é completamente privado. Tudo aquilo de que falarmos fica estritamente entre nós.

Daniel fungou irrisoriamente e olhou para baixo, para as mãos.

— Podes dizer-me como te tem corrido a escola desde o princípio do período? — insistiu Carla.

Silêncio. Ia ser um osso duro de roer.

Para dificultar, as sessões não eram suficientemente longas. Vinte minutos, uma ou duas vezes por semana, não dava, de todo, para construir uma relação de confiança com uma criança traumatizada.

Ainda assim, Carla costumava conseguir que eles dissessem alguma coisa sobre os seus problemas na primeira sessão.

Muito mais do que as quatro miseráveis palavras que este rapaz proferira, fosse como fosse.

— Tens medo de alguém, ou foste ameaçado?

O seu treino como orientadora educacional acreditada pela ABAP aconselhava o terapeuta a falar o menos possível, de modo a permitir que o jovem cliente divulgasse quaisquer preocupações ao seu próprio ritmo.

Isso estava tudo muito certo numa tranquila consulta de uma hora, paga por particulares, mas não funcionava assim tão

bem numa escola pública arruinada que a pressionava constantemente para apresentar resultados imediatos.

Carla estava a desenvolver o seu próprio conjunto de regras, em paralelo, o seu próprio modo de alcançar os resultados desejados, e até ao momento não se estava a dar mal.

Calculava que, dentro de um ou dois meses, tivesse granjado sucesso suficiente para conseguir um emprego bem remunerado na prestigiada escola secundária privada da cidade, numa vaga que, ouvira dizer, estava para abrir.

Ouvir miúdos opulentos cujos principais problemas eram não saber se haveriam de escolher um pônei ou uma atividade de férias nos EUA como prenda de Natal nem se comparava às desgraças urbanas que estava a tentar resolver em Cumber Meadows.

Este percurso seria a via rápida para criar uma reputação marcante.

Em pouco tempo, estaria a abrir a sua própria clínica de topo, onde lhe seria reconhecida toda a legitimidade para cobrar preços altíssimos a inúmeros pais ricos atormentados que não tinham tido o tempo ou a vocação necessários para endireitar os seus próprios filhos privilegiados e desorientados.

Era também a chave para se libertar da pequena montanha de dívidas em seu nome ainda remanescentes da incursão, condenada ao insucesso, de Mark pelo mundo da arte.

Com os galopantes extratos do cartão de crédito, que resultavam da excessivamente ambiciosa prestação mensal da casa na prestigiada área arborizada conhecida como O Parque, um novo trabalho era a única solução para manter um padrão de vida decente.

Mark gostava de descrever com grandiloquência os seus insondáveis respingos de lamacentas cores na tela como «expressões abstratas contemporâneas».

O problema é que eram tão abstratas que ninguém as queria comprar.

Quando pensava nesse tempo, lembrava-se demasiado bem de como era sentir o fardo da sua futura segurança apoiada pesada e inteiramente nos seus ombros.

Se havia algo por que estar grata, após a sua dolorosa separação, era agora ter apenas de se sustentar a si própria, felizmente.

Era verdade que tinham sido felizes juntos durante vários anos, mas Carla tinha a certeza de que se tivesse ficado com Mark, teria acabado como ele: a viver num ilusório mundo de sonho que nunca se concretizaria.

Carla mexeu-se na cadeira e concentrou-se.

Permaneceu em silêncio durante mais alguns segundos, mas, naquela batalha de silêncio, Daniel estava a ganhar-lhe aos pontos.

— Suponho que haverá uma razão para que sejas sempre o primeiro a sair da aula — disse-lhe suavemente. — Sei que evitas os outros alunos durante os intervalos. Portanto, de quem é que estás a fugir, Daniel?

Pela primeira vez desde que entrara no gabinete, o rapaz olhou para ela.

Assustadoramente, os seus olhos pareciam focar apenas uma pequena parte do rosto de Carla.

— Se falares comigo, eu posso ajudar-te. Isto não tem de ser assim, sabes? Só precisas de confiar em mim. Temos de confiar um no outro. Anda alguém a ameaçar fazer-te mal?

O rapaz pestanejou rapidamente. Os seus olhos eram grandes poças de uma tristeza verde-azeitona num rosto esbranquiçado e esgotado.

Carla captou nele um aceno quase impercetível.

— Quem é? — Ela pressionava-o agora com mais ímpeto. — Acredita em mim, o pior que podes fazer é ficar em silêncio: os agressores acreditam que é isso que farás. Ninguém sabe que estás aqui e ninguém tem de saber uma só palavra do que me disseres hoje. Fica estritamente entre nós, Daniel, percebes?

O rapaz abanou a cabeça, e Carla viu-o apertar os joelhos com tanta força que os nós dos seus dedos ficaram brancos.

— Ele está sempre a ver-me — suspirou Daniel. — Ele sabe o que penso. Ele sabe tudo o que faço.

HÁ TREZE ANOS, ALGUÉM DESTRUIU A VIDA DELA. AGORA, A VINGANÇA ESTÁ AO SEU ALCANCE...

Anna é uma rapariga solitária que procura o equilíbrio na sua vida apoiando-se nas rotinas diárias. Não gosta de se aproximar das outras pessoas, pois conhece demasiado bem os danos que elas podem causar.

Até que um dia, testemunha um acidente e reconhece a culpada: é Carla, a mulher que arruinou a sua vida no passado. Esta é a sua oportunidade de vingança. O primeiro passo é aproximar-se de Liam, o homem ferido no acidente, para poder seguir de perto a investigação policial.

Quando Carla também se aproxima de Liam, Anna percebe quais são as suas reais intenções: manipulá-lo... Mas ela não deixará que isso aconteça e tudo fará para proteger Liam e desmascarar esta impostora.

No entanto, à medida que a obsessão de Anna por Carla se intensifica, outros segredos vão sendo revelados, mostrando que o perigo, afinal, pode vir de onde menos se espera.

«Um thriller psicológico sublime,
frenético e viciante.»

The Book Review Café

«Senti que estava a ler um dos melhores livros
de Ruth Rendell. Só para que se perceba
o quão bom é este livro.»

Shelf Knowledge

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-99-2



9 789898 800992

Thriller